

se fosse a novidade, e assim conservar o Estado e o poder do soberano.

A análise apresentada sobre o Estado e sua relação com o indivíduo não perderá sua atualidade enquanto a sociedade estruturar-se sobre valores de autoridade e hierarquia. Harrison pretende, em seu livro, desconstruir a concepção socialista de revolução e liberdade, demonstrando que a dominação não é determinada pelas condições daquele que está no controle do Estado, mas pela sua própria existência. A liberdade no anarquismo não se alcança pela conscientização das massas ou pela tomada do Estado, pela substituição da propriedade privada pela propriedade estatal ou pela mobilização e participação de todos. A liberdade realiza-se na sua prática, por meio de associações livres e, principalmente, por uma experiência libertária de vida.

luce em travessias, memórias e percursos anarquistas

| edson lopes *

Margareth Rago. *Entre a liberdade e a história: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo, UNESP, 2001, 368 pp.

Não se trata de uma biografia, mas de um diálogo entre a vida da libertária Luce Fabbri e sua produção intelectual, com a constituição do movimento anarquista na Itália e América Latina. Margareth Rago não se aparta das conversas miúdas, inventando o passado, desvelando ínfimas, expressivas e incomensuráveis personalidades anarquistas e conquistas do movimento, em diferentes momentos

*Pesquisador do Nu-Sol.

históricos. A presença dos fragmentos da memória de Luce Fabbri, não está para a construção fixa, linear e pronta de seu passado. Respeita-se aí a possibilidade caótica da rememoração, com sua temporalidade própria, imbricada em sentimentos e silêncios e suas emergências desconhecidas ou ao menos provocadas: “não se trata apenas de contar a história de uma anarquista, mas de contá-la libertariamente” (p. 26).

Entre os capítulos do livro, os aspectos mais marcantes da vida de Luce, sua relação com o pai, o anarquista Luigi Fabbri, a ascensão do fascismo na Itália, perseguições, exílio, a luta no espaço político, a poesia, o casamento, a experiência espanhola — enfim, a Luce anarquista —; não numa dispersão que os isolam, mas interligados aos acontecimentos históricos do período entre guerras do século XX, ditaduras latinas e tantos anarquistas em trânsito nômade, entre lugares e costumes.

Para Margareth, boa parte da história da tradição libertária encontra-se velada, interrompida pelo silêncio; desconhece-se muito da produção intelectual de alguns anarquistas e as editoras insistem em não os publicar. A narrativa da própria Luce, faz resgatar alguns anarquistas já de vozes caladas pelo tempo, apresentando tanto à pesquisadora como ao leitor a surpresa de ter de encontrá-los e às suas vidas intensas, inquietas e arriscadas. Entre eles, o próprio Luigi Fabbri, que trabalhou insistentemente em diversas imprensas anarquistas, na Europa e América Latina; ou Concepción Fernandes, que Luce chegou a conhecer, manter em memória, mas que sem nenhum livro escrito, é citada apenas em notas da revista Argentina “*Todo es Historia*” em que é apresentada como “oradora, poeta excepcional e dirigente política de grande coerência”.

À intensidade do fluxo de imigrantes à América Latina, que possibilitou a existência do anarquismo em países como Uruguai, Argentina, Brasil, México, Chile

e Peru, correspondia o fluxo de idéias. A “imigração francesa, italiana, portuguesa e espanhola, reunindo muitos ativistas internacionalistas, anarquistas e socialistas fugitivos de seus países, provoca, sem dúvida, uma intensa movimentação social entre 1870 e 1930” (p. 118). Esses anarquistas se aglutinaram em sindicatos, centros de cultura social, grupos de estudo, bibliotecas livres, teatro, imprensa, etc. Por todos os lados, o fascismo, as ditaduras e as perseguições policiais. Este é o percurso de Luce, que foge do fascismo de Bolonha, na Itália, exila-se com a família no Uruguai, onde encontra um povo de tradição libertária que remete à década de 1870, quando imigrantes franceses provenientes da Comuna de Paris, já haviam criado a Seção Uruguaia da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), além de periódicos como *El Internacional*, *La Revolución Social*, *La Lucha Operaria* e *La Federación de los Trabajadores*, que já apresentavam os ideários anarquistas aos trabalhadores uruguaios; a fuga de Malatesta para Argentina e sua errância pela América já havia intensificado também a propaganda libertária.

Luce esteve altamente engajada na luta contra os totalitarismos, fossem eles os de Mussolini, Franco, Gabriel, Terra, ou as ditaduras militares das décadas de 1970 e 1980, atuando com amigos e colaboradores como Max Netlau, Abad de Santillán, Hugo Treni, Maria Lacerda de Moura, Louise Michel, Nelly Ferreira, Ana Maria Gómez, Ermácora, e outras, em revistas, jornais, fundos de apoio e inventando sociabilidades libertárias opostas ao autoritarismo, em momentos nos quais os anarquistas eram progressivamente derrotados tanto pela repressão do Estado burguês como pelo comunismo. Nesta constelação de preocupações e radicalidades resistentes, confunde-se a história do anarquismo e a história pessoal de Luce Fabbri, como se formassem uma malha.

O anarquismo para Luce constitui-se como experiência intensa, não só como resposta ao poder

centralizado, mas como uma prática libertária que impregna a vida, como constituição ética sofisticada. Luce esforçou-se em dizer que o anarquismo não comporta catecismo. Implica pequenas construções coletivas e individuais que ampliem a liberdade; e se em algum momento arriscou definições é porque entende o anarquismo como um saber histórico que necessita atualizar-se sem apagar suas marcas. Sua concepção dispensa uma certeza metafísica de um final perfeito, absoluto: interessam-lhe os meios, o presente cheio de invenções para construção de uma vida baseada na liberdade, solidariedade e justiça social, temas que lhe são caros.

Luce e Margareth Rago se encontraram pela primeira vez por ocasião do Congresso “Outros 500. Pensamento Libertário Internacional”, realizado em 1992 na PUC/SP. Margareth procurava figuras marcantes do anarquismo, quando estudava as “mulheres anarquistas”. Tornaram-se amigas. No livro encontramos algumas anarquistas marcantes, delicadas inquietas com a coragem de afirmar anarquismos.

ousar ser uns | *thiago rodrigues*

Doris Accioly e Silva & Sonia Alem Marrach (orgs.). *Maurício Tragtenberg, uma vida para as Ciências Humanas*. São Paulo, Editora da Unesp/Fapesp, 2001, 328 pp.

Maurício, um homem de palavra. Da gramática acadêmica antropofágica, do verbo combativo popular, das idéias flamejantes em duelos viscerais, do compromisso consigo. Em sala de aula, nas páginas de jornal, na porta de fábricas, em teses, em livros, em